

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS. SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



UMA GRANDE CERIMONIA FUNEBRE

Os restos mortais do nctavel poeta e diplomata Antonio Feijó chegaram ao Tejo num barco de guerra sueco. Eis o momento do desembarque na ponte do Arsenal de Marinha.

AS LAMPADAS ELECTRICAS



SÃO AS MAIS ECONOMICAS E AS MAIS RESISTENTES.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

LER DENTRO O INTERESSANTE CONCURSO DE

A COSTUREIRA MAIS LINDA DE PORTUGAL

crónica da semana por norberto lopes

GAGO COUTINHO E O PAPA

HA muita gente que vai a Roma e não vê o Papa. Gago Coutinho foi a Roma e viu o Papa. Mas não lhe falou. O protocolo, a esse respeito, é intransigente. Apesar de ter solicitado uma audiência, o illustre almirante foi abençoado pelo Papa «em serie» — tal qual como umas meninas vestidas de branco que estavam na sala ao lado.

Por esse motivo, Gago Coutinho vem de Roma zangado com o Papa. Quería pedir-lhe um autógrafo para a Aviação Portuguesa. Quería contar-lhe em palavras simples que os nossos aviadores, quando voavam, levavam sempre a seu lado a Cruz de Cristo, á semelhança dos tripulantes das naus gloriosas da descoberta e da conquista. Quería dizer-lhe «que as viagens largas dos nossos aviões têm sido um instrumento suggestivo de propaganda da fé cristã» — a continuação da obra científica dos antigos navegadores.

Mas Sua Santidade lançou a bênção — e passou. Gago Coutinho não se atreveu a quebrar o protocolo. O Papa desapareceu por detrás dos reposteiros impenetráveis das suas habitações particulares e o nosso almirante saiu do Vaticano a filosofar sobre as virtudes da humildade cristã.

Ficou sem o seu autógrafo, o autógrafo que ele queria oferecer á Aviação Portuguesa como um testemunho da simpatia com que Sua Santidade devia ter olhado os missionários do ar.

Terá que voltar a Roma. Desta vez, o Santo Padre — depois de informado pelo seu Nuncio Apostolico — não lhe negará, certamente, duas palavras escritas pelo seu punho para uma Aviação que instituiu sua padroeira Nossa Senhora do Ar.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado
pela comissão de censura

NO BANHO



—Augusto, vem-te embora, tu não sabes nadar...
—A mamã não vê o papá?
—Pois sim, mas o teu pai tem seguro de vida...

NOVIDADES E NOTÍCIAS D'AQUI E D'AQUÍ

A cidade universitária

O entusiasmo com que foi acolhida a noticia de que ia ser inaugurado o Instituto Francés de Lisboa prova bem a já bem provada afirmação de ser a França o unico farol intelectual capaz de interessar os portugueses.

Dizem-nos que a inauguração do Instituto é apenas um passo a mais dentro duma idéa que marcha: a criação dum liceu francés, em Lisboa, oficialmente reconhecido. Talvez fosse agora ocasião de se fazer o sacrificio necessário para a fundação da casa portuguesa, na «cité universitaire» de Paris. Agora mesmo acaba de inaugurar-se a casa dos estudantes belgas, no parque da «cité universitaire». Foi construída a expensas de dois amigos da França—Mr. e Mme. Biermans—Lapôtre, que nela gastaram um milhão de dolares. Se não apparecem por cá destes generosos amigos dos estudantes, deve o Estado fazer o sacrificio necessário ao prestigio da nossa cultura. O snr. ministro da Instrução levaria a cabo uma grande obra, se conseguisse fazer uma «casa portuguesa», humilde mas acolhedora, na grande capital do mundo.

Uma idéa de Mustafá-Kemal

QUEM chegasse a Constantinopla, na sexta-feira 28 de Outubro p. p., teria a assustadora surpresa de chegar a uma cidade deserta. A imensa metropole Constantino apresentava o aspecto duma terra despojada subitamente, em consequencia dalgum terrivel acontecimento ou feiçomeno sobrenatural. E, no entanto, Constantinopla deserta estava cheia por um milhão de habitantes... Simplesmente, esse milhão de homens esteve fechado em casa, durante o dia 28 de Outubro, desde as 8 horas da manhã ás 10 horas e meia da noite Ordens de Mustafá-Kemal, o ditador, que obrigou toda a população a ficar em casa, durante um dia, para se proceder ao recenseamento da população. Não havia maneira ds se saber, ao certo, quantos habitantes tinha Constantinopla. Pois bem. Mustafá mandou que cada familia estivesse fechada em casa, perante um dia, e mandou os seus soldados revistarem as casas, contarem as pessoas e tirar tudo aquilo a limpo...



Antonio Feijó

FAZ hoje oito dias que as costureirinhas e os calxeiros das lojas da Baixa, os empregados dos bancos e os amanuenses das repartições, chegaram á janela para ver passar um cortejo funebre: duas urnas enormes, acidadas por portugueses e marinheiros suecos, muito iguais, em filias bem rimadas como versos felizes...

Eram os corpos de Antonio Feijó e de sua esposa, que atravessavam Lisboa, a caminho da estação do Rossio. O nome de Antonio Feijó não é dos que a multidão decorou... Perguntava-se: Quem é? Quem foi? Quem eram? O «Diario de Notícias» explicou: foi um poeta que morreu de amor: saudades da mulher, saudades da terra. E isto apenas bastou para que houvesse silencio nas ruas bulhentas, quando passaram as urnas monumentais. E os amigos do poeta, os que sabem de cor as suas «bailatas» cheias de desdem e despreensão, murmuravam os versos dolentes em que alguém lhe diz adeus maguadamente:

Lembro-me bem... era sol posto, o céu violáceo,
E sobre a areia d'oiro, a espregulgar-se, o Lima!
Com que tristeza tu disseste: Adeus, Inácio d'Abreu e Lima

Uma princesa agrônoma

NO Instituto de Agronomia de Paris acabou agora o seu curso, obtendo a primeira classificação, uma princesa de sangue real: a filha de Ham-Ng'vi, rei destronado do Anam.



Vencido pelos francezes, Ham-Nghi entregou á França o cuidado de velar pela educação de sua filha, cuja solida intelligencia devia ser aproveitada. Mlle. d'Annam, nome por que a princesa é conhecida—obteve grandes successo e tudo indica que não será ralha do Anam, mas princesa universal, no mundo da sciencia.

Sonhos

HA dias, numa «soirée» familiar, disqueteava-se a proposito de sonhos. Entusiasmadissimo, um conviva contava uma aventura tétrica: «Imagem Vosselencias que o meu tio—o Dr. Palma—(conheceram, não é verdade?), sonhou que uma mão fôrrea, a mão dum individuo revestido de placas de ferro, um monstro no genero do homem-reclame dos pneus Michelin, lhe apertava fortemente o pescoco... Apertava, apertava... Meu tio, o Dr. Palma, debatia-se, debateu-se, enquanto pude... Mas tudo foi inutil. E, sem transição, passou de sonho á realidade... E morreu, morreu duma sufocação, sem ter tempo de abrir os olhos... Houve um minuto de silencio—uma senhora idosa teve tempo de rezar uma Ave-Maria, por alma do pobre doutor... E só o Raulinho, pequeno de seis anos, ousou que brar a consternação geral, com uma pergunta embaçosa: —«Ouça lá... Como é que o seu tio teve tempo de contar o sonho, se ele morreu a sonhar...» O sobrinho do Dr. Palma teve uma convulsão de choro, e poz-se ponto na conversa.



Os relógios registradores

UM estrangeiro chegado ha dias a Portugal, ficou encantado com as belezas do nosso paiz e, achou que Lisboa era uma capital moderna, civilisada, atrahente. Estaria a «chuchar comnosco»? E' possível. Uma unica coisa o homem não levou á paciencia: O sistema de cobrança nos carros electricos. E, é o caso de se perguntar: Porque não importa a Companhia os relógios registradores, que os ha em quasi todas as capitais, suprimindo o antiquado e ridiculo sistema dos bilhetes?... Quanto tempo se economisaria! E que tranquillidade, que limpeza para passageiros, conductores e revisores!

AMIGAS



—Enão acabaste o namoro com o Zeca?
—Sim: a mamã não a'rovava o seu passado, o papá não se fia no seu futuro e eu não gostei do seu presente...

HONESTIDADE



—O patif' do leiteiro deu-me no troco uma moeda falsa.
—ende é que está?
—já a dei ao padreiro.

questão previa

Por X...

REPRESENTOU ao sr. Ministro do Comercio, a Associação Industrial. Os inquilinos fizeram uma representação ao Ministro da Justiça. Representaram os estudantes pedindo a redução das matriculas.

A representação está, meus amigos, na ordem do dia—por muito que se diga que ha crise de teatro. Mas a representação é uma forma moderna de encargar o velho pedido, o memorial, a petição, o peditorio, a subscrição, o requerimento, e todas as formas especiais e extraordinarias que nós temos, em Portugal, de pedir.

Pedinchar, pedir sempre, desde a esmola ao emprego publico, á gorjeta e ao emprestimo externo é a nossa velha pecha, atavica e inevitavel.

Já Lord Beresford, esse pilóseco excentrico que em pleno seculo XVIII escreveu sobre a nossa vida e os nossos costumes, registou com acertada observação que o pedinte português tinha um caracter unico.

Com effeito, nenhum povo tem, na arte de pedir, tão consumados artistas e tão geniais cultivadores. E' ele que assevera a persistencia, a vivacidade, a astucia, o poder dramatico e expressionista, a eloquencia do pedinte português. Ninguem como os nossos mendigos sabe explorar uma chaga horrivel ou uma amputação tragica. Exhibem-se em plena praça publica, num «grand-guignoll» de hospital, todas as mazelas do corpo.

E, quando uma chaga ou molho de creanças não basta, vai-se mais longe, na criação e na originalidade:

Ha dias, em plena Avenida, um cavalheiro de barbicha e usando o ar mais digno e burguez deste mundo aproximou-se duma senhora de certa idade que tranquilamente passava duas creanças e declarou-lhe, com um ar tragico-marítimo:

—Minha senhora, sou um pai orfão de duas creancinhas como estas! Elas estão desamparadas! Peço-lhe por tudo que me dê alguma coisa para eu comer!

A senhora ficou perplexa e deu-lhe cinco escudos. Convem esclarecer que a senhora era estúpida.

X.

LER NA 4.ª PAGINA

O concurso da costureira mais bonita de Portugal



POR AUGUSTO CUNHA

DOIS DEDOS DE CAVAVO

O apetite nacional

CERTA figura em destaque no paiz vizinho disse, ha tempos, num jornal portuguez, esta frase conceltoza:

«Portugal evoluirá bruscamente, desde que se dissipe a embriaguez do seu passado».

E' uma verdade incontestavel, com a qual todos estamos de acordo ha muito tempo. Passamos a vida a pensar no passado e ficaremos passados no futuro, quando virmos que não pensámos nele no presente. Vivemos do orgulho do que fomos, a comemorar o que fizemos, e não pensamos naquilo que não fazemos e devíamos fazer.

Mas o mal não é, infelizmente, apenas esse.

Para que possamos progredir não basta que se dissipe a embriaguez do passado, é indispensavel que se dissipe, tambem, a embriaguez presente.

Tudo entre nós anda embriagado; ou de illusões, ou de vaidades, ou de esperanças.

Depois, como todos os paizes vintcolas, o nosso vê-se forçado a beber grande parte da sua produção.

E daí a embriaguez completa. A do passado, somada a todas as presentes. Por isso a nossa evolução é toda aos

lotaria, que abriu um estabelecimento, que fundou uma empresa, que fez anos, que fez a tolice de casar, que esteve doente mas está melhorsinho, muito obrigado, que no exercicio das suas funções cumpriu sempre o seu dever, como, afinal, era a sua obrigação, e aí temos uma serie de banquetes de consagração, de reconhecimento, de homenagem.

E assim por toda a parte comissões de comilões gastam os ocios abrindo listas de inscrições, colhendo as numerosas adesões, dos numerosissimos tubarões, que sonham apenas com as fartas, com as regaladas digestões.

E' depois na altura dos brindes que surgem os maravilhosos planos de futuro, os grandes projectos, as esplendidas intenções, as largas e rasgadas iniciativas, os desinteressados gestos, as nobres atitudes.

O pior é que são sempre intenções, projectos e atitudes, com corda para 24 horas.

Rapidamente se dissipam, com os vapores do champagne e dos licores. Gasta a corda, evaporado o alcool, toda a atividade converge para a realização doutro banquete, doutra festa, doutra consagração urgente, necessaria, inadiavel.

O Eleuterio e a carne de baleia

O leitor já provou carne de baleia?... Que tal achou?... Tão tenrinha, com tanto *sanguinho*... ah!... Há lá nada melhor!...

Eu tenho um amigo, que talvez você conheça... aquele, o... o Eleuterio... que diabo, não conhece você outra coisa!... o Eleuterio, que é presidente honorario da «Caixa de Socorros aos Recem-Nascidos Com Um Olho Só»...

Pois, como ia dizendo, o Eleuterio, que tem mulher e duas sogras (você lembra-se do divorcio ruidoso do nosso homem... A mulher fugiu-lhe com a massa e ele teve que acarretar com a sogra, sem vintem) o Eleuterio—coitado!—aquela numerosa familia que nós lhe conhecemos, vê-se em palpos d'aranha para lhes manter a indispensavel base alimenticia. Lá diz o ditado: «Saco vazio não se põe em pés».

Que ele, aqui para nós, bem desejava que as duas queridas sogras quando tentassem pôr-se de pé, ao levantar da cama, partissem a cabeça... Mas o diabo são depois as contas com a Policia e o palrar da visinhança.

Voltando á vaca fria... Tendo constado ao Eleuterio que nos hotéis e restaurantes já se não usa carne de vaca nem de boi, mas sim de baleia e de baleio; e que cada quilinho custava apenas doze pratinhas de cinco tostões, num dia do mez passado comprou o nosso homem uma baleia inteirinha, com principio, meio e fim, que é, como quem diz, cabeça, barriga e rabo.

Pesava o monstro mil quilos e vinte e cinco gramas, Chamou dois galegos, para levarem a baleia a casa.

O Eleuterio foi adiante, para preparar o lugar para o bichinho, que era grandinho.

Assim que a cosinheira rapou da faca para cortar o pescoço á baleia, como se faz ao galinaceos quando estão vivos, notou que o simpatico animalinho abria ao de leve um olho, como se fosse candidato ao asilo do Eleuterio. Depois, abriu o outro... Horror! Em resumo... querê você saber? A baleia estava viva!

A cosinheira desarvorou pela porta fora, com uma perna no ar, que até miava... Os petizes do Eleuterio cavaram com quantas pernas tinham.

O Eleuterio parece que tomou, com a mulher, o vapor para Cacilhas e até hoje, já lá vai um mez, ainda não deu sinal de si.

Espante-se você... Vim a saber pela visinhança que as duas sogras do Eleuterio lá continuam a viver, em perfeita intimidade com a senhora baleia. Tomaram conta da casa. E viveram muito felizes.

Deste caso tetrico passado com o Eleuterio, tira a gente uma conclusão, que não é imoral como a de muitas fabulas: Compre-se carne de baleia, que é muito boa e baratinha. Mas compre-se aos bocados. Inteira, é um perigo.

A baleia—já lá dizem os livros das escolas—é um animal de muito folego!

Ha menino que pela sua profissão ou categoria social não faz outra coisa senão papar banquetes, assistir a lunches, ceias, almoços e copos d'agua recheiados doutros liquidos, derretendo a sua imaginação em brindes e discursos, gastando as suas ideias nas sobremesas, dissolvendo em palavras todo o seu esforço, toda a sua actividade.

Depois, ideias gastas e os intestinos arrazados, não lhe sobra o tempo para refazer o estomago e cuidar das necessarias reparações do interior.

Esta predilecção nacional tem, de resto, a sua natural explicação. E' porque assim conseguimos satisfazer a um tempo os nossos maiores prazeres: comer, beber e dar á lingua.

E' nas fartas e bem regadas sobremesas que mais se desenvolve a eloquencia nacional.

O tom dos discursos é sempre o mesmo, e o sentido e o fim é sempre identico. Como nesses momentos já se têm comido e só resta beber, as frases teem todas um ar de parentesco e um traço de união, que as torna a todas semelhantes:

«Bebo á vossa saude»... «e, para terminar, eu peço que bebeiis pelas prosperidades, etc.»: «ergo a minha taça para beber, etc.» «e devemos beber ou peço que bebamos todos pela Patria, pela Republica, etc. etc.

Numa palavra, tudo se resume na



bebida; toda a eloquencia, todas as boas intenções se afundam nos copiosos liquidos, e nós ficamos sempre a nadar, ou, melhor, nunca chegamos a ver nada.

Já durante o banquete os oradores vão proferindo, cada vez com maior custo, a propria palavra «beber» que os levou ali; e um veu espesso vai ofuscando o entaremelado bêêêbo que por fim é apenas um bêê... vago e indistinto.

E muitas vezes, por fim, já nem o bêê se ouve, porque o orador, que deslisou para debaixo da mesa, tambem já não se «bê».

AUGUSTO CUNHA

A PANNE



Reio de vida! Isto não é um automovel, é um automovel!

UM SEU CREADO

Curiosidades

FRASES DE REIS

Alguem aconselhava Filipe, o Belo, a castigar o bispo de Pamiers, responsável das dificuldades sobrevindas entre o papa Bonifácio VIII e ele próprio. Filipe respondeu: «Poderia fazê-lo, mas é belo ter a força e não usar dela».

A rainha Cristina da Suécia acabava de saber que a condessa de Suze tentava fazer anular o seu casamento, em Roma, e que, para conseguir isso, se convertera ao catolicismo. Cristina da Suécia fez, então, este comentário: «A condessa mudou de religião, para não tornar a vêr o seu marido, nem neste mundo nem no outro».

A rainha Sofia Carlota da Prússia dirigiu-se ao filósofo Leibnitz, para que este lhe ensinasse os elementos dos conhecimentos humanos. O filósofo respondeu-lhe: «Senhora, não me é possível satisfazer Vossa Magestade, porque o que Vossa Magestade quer saber é o porquê dos porquês».

Jacques I de Inglaterra estava, um dia, muito ocupado a trabalhar, quando uma mosca veiu pousar-lhe no nariz. Por mais que fizesse, o rei não conseguia fazê-la desistir de semelhante poleiro. Já encolerizado, o soberano gritou: «Tenho três reinos! Não seria possível escolheres nêles qualquer outro lugar?!»

UM CHEQUE
A LONGO PRASO

Um americano depositou, há pouco, num banco de Nova-York, um dolar e, logo em seguida, passou, sobre esse banco, um cheque de dois milhões de dólares. O banco aceitou-o como legal e registou-o. E' que esse homem original especificava que o pagamento do cheque seria efectuado no ano de 2.427 e, segundo o cálculo feito, o dolar, a juros compostos de 3 por cento, renderá, a cinco séculos, 2.900.000 dólares.

UM CASO DE POLIGAMIA

Na sua mocidade, um tal Vivalda, suíço, pintor, contraiu matrimónio na Suíça, divorciando-se pouco tempo depois. Foi para Paris e aí casou com uma operária. Em 1918, porém, Vivalda conheceu Madame Simbozel, uma viuva de quem se enamorou a ponto de que, ao cabo de seis anos de íntima amizade, casou com ela. Mas ao contrair este terceiro matrimónio, Vivalda esqueceu-se de obter previamente o divórcio da sua segunda esposa.

Passaram três anos. O inflamável pintor não esquecera a segunda Madame Vivalda, e um belo dia resolveu-se a voltar a casa e apresentou-se na sua casa de Paris. A esposa abandonada perdoou ao marido *pródigo*, correndo um véu sobre o passado. Mas a terceira Madame Vivalda, a ex-viuva Simbozel, que se aborrecia sózinha e não se resignava a ser enganada, apresentou-se, por seu turno, em Paris. Encontrou o infiel... e a esposa. Gritos, protestos, escândalo, tribunais. Na audiência, a terceira Madame Vivalda, a denunciante, não compareceu; a segunda perdoou; o tribunal, para não ser menos generoso, absolveu o polígamo.

UM GRANDE CONCURSO POPULAR

Qual a costureira mais bonita de Portugal?...

O inquerito do DOMINGO ILUSTRADO marca um exito sem precedentes

NOVAS QUADRAS

De dia para dia vão sendo mais avultadas as remessas de quadras para o nosso Concurso. Mas o espaço de que dispomos impede-nos de lhes dar imediata publicidade. O «Domingo Ilustrado» não fará, entretanto, selecções, e TODAS as quadras serão publicadas na sua altura, pela ordem de entrada no nosso jornal.

Muitas dessas quadras são «preciosas», pela sua singeleza, pela graça do conceito, pela espontaneidade da sua composição.

O «Domingo Ilustrado», embora não marque preferencias e acolha sempre com prazer até as mais imperfeitas—pois o nosso Concurso foi feito para o Povo—não podia ficar indiferente ante a beleza de muitas dessas quadras. Tem-nas destacado e continuará a fazê-lo, sem desprimor para os outros concorrentes.

Avolumam-se também na nossa mesa de trabalho as fotografias das costureirinhas da terra portuguesa. Mas dentro em pouco O «Domingo Ilustrado» dedicará varias paginas a essa interessantissima documentação.

Haverá espaço para todos os concorrentes

O DOMINGO ILUSTRADO empenha-se em saber qual é a

Costureira mais bonita de Portugal

Enviem quadras!

Enviem fotografias!

A' Rogéria do (Gomes, alfaiate).

Tu deves ser das mais belas
Digo-to sem espanto
Deves ser rainha delas
Pois do mundo és um encanto

Quem me dera ser agulha
Para teus dedos picar
E ser o dedo offendido
P'ra tua boca beijar.

J. NASCIMENTO VENANCIO

Dedicados á bela e virtuosa costureira Alice. Trabalha em casa, no Largo do Leão n.º 9, 3.º

Teus cabelos flos de ouro.
Teus olhos da cor do ceu.
Teu coração um tesouro
Foi abençoado por Deus.

Quando Deus criou o amor.
Juntou-o á desventura.
A tua, alma mulher,
Deus a fez só de ternura

Crê! Não ha maior tortura
Que ver um sonho desfeto.
Deus te dê tanta ventura,
Como o mal que me tens feito.

A. S.

«A uma costureirinha de Coimbra».

São agulhas os teus olhos
Com el's bordas corações!
Os desenhos são abrolhos,
As linhas, desilusões.

Coimbra

A. P. M.

A' Gentil Laurinha da casa «Silva, Ltd.» na Rua Garrett.

Oh perola das modistinhas!
Oh cara mais bonitinha!
Se realmente ha concurso
Deves ser tu a rainha

Quando eu á uma da tarde
Te encontro no Chiado
Tenho vergonha em dizer-lo
Mas fico maravilhado

Eu confesso que te adoro
Perdoa a mi, ha franqueza
Mas quem se não enamora
Perante a tua beleza?

Tens no brilho dos teus olhos
Poder sobrenatural
Teus dentes, fios de perolas
Na tua boca de coral.

Perante ti me descubro
Oh adoravel modista!
Lisboa, 30 d'Outubro
Um conhecido de vista.

GASF

Costureirinha bela e formosa
Como um cravo que eu colhi
O meu amor puro e sincero
Faz-me sempre pensar em ti.

JULIO S. d'ALMEIDA

Para a gentil Ofélia Leite. — Alfaiataria «Smart», Rua de São Pedro de Alcantara, Lisboa

Ofélia—é como se chama
a que só penas me dá...
Mas como a Ofélia do drama,
um Hamlet a perderá!

Se ela ganhar o Concurso,
como prev-jo e distingo,
fico pior do que um urso
—e máto-me a um «Domingo»...

ZÉPHIR

A alguém que trabalha algures.

Dizes meu bem:—Muito te amo!
não percas essa ilusão:
Pois nunca mais volta ao ramo,
a folha que cai no chão.

X. X. X.

COURO ESPLENDIDO

Na Biblioteca de Malborough House, em Yorkshire (Inglaterra), houve, em outros tempos, dois livros encadernados num formoso couro, que era um pedaço de pele da bruxa Mary Rotmam, condenada á morte por assassinio nos começos do século XIX. Esses livros desapareceram, quando os condes de Malborough se viram forçados a vender a sua biblioteca. Em Paris, também havia livros encadernados em pele humana, tendo se vendido, recentemente, um deles, em leilão. Em Londres, há pouco tempo, foram, encadernados alguns livros em pele humana; um deles era a *Dança Macabra*, de Hans Holbein. Os japoneses fabricam muitos objectos, como carteiras, «*porte-monnaies*», etc., em peles de homens. No entanto, é possível que digam tratar-se de pele humana e seja apenas algum desses belos papéis que só eles sabem fazer. Os entendidos no assunto afirmam que a nossa pele dá um couro excelente, grosso, sólido e de resistência.

UM ESTRANHO SEGURO

Um jovem actor de Nova-York seguiu-se contra o casamento, visto crêr que, na sua profissão, o matrimónio é uma catástrofe. Custou-lhe a encontrar uma companhia de seguros que aceitasse a sua proposta. Por fim, lá encontrou. (Ou ele não estivesse na América do Norte!). Se se casar, a companhia entrega-lhe 10.000 dólares de indemnização, ou seja, aproximadamente, duzentos contos. Sempre chega para o enxoval!

AS TABUAS DA LEI

Segundo o Antigo Testamento, Moisés recebeu de Deus, no monte Sinai, duas placas de pedra, onde estavam gravados os dez mandamentos da lei de Deus. Numa das placas estavam os quatro mandamentos a cumprir para com Deus; na outra, os mandamentos a cumprir para com os nossos semelhantes.

Indo encontrar o seu povo a adorar o velo de ouro, Moisés quebrou as tábuas da lei aos pés do ídolo. Isolou-se de novo sobre o Monte Sinai e recebeu duas novas tabuas, escritas pela mão de Deus. Foram estas tabuas colocadas na Arca da Aliança. Esta encontrava-se em Jerusalem, no templo de Salomão, quando os caldeus arranjaram o edificio, em 588 antes de Cristo. A tradição diz que a Arca foi salva e posta em lugar seguro, numa gruta. Números arqueólogos emprenderam pesquisas para encontrar a Arca Santa, mas nenhum indício dela se obteve.

AS VEZES QUE MUDAMOS DE UNHAS

As unhas do homem e da mulher renovam-se cento e oitenta e seis vezes, em sessenta anos. Se se pudesse deixar crescer a unha do indicador, no fim de cerca de sessenta anos teria mais de dois metros de comprimento.

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

O baritonu Andino
Abreu



O 2.º Concerto deste illustre baritonu, a 24 no Teatro S. Carlos é quasi todo constituido de numeroes em 1.ª audição, em Lisboa, figuram trechos de Haendel, Rameau, Caccini, Carissimi, Schubert, Schumann, Octaviano Gonçalves, Ernani Braga, Ruy Coelho, Sokolow, Ravel, Granados, Respighi, Fran.º Alfano e novos cantos populares Sicilianos harmonizados por A. Favara, que tanto successo alcançaram no seu 1.º concerto.

CA POR DENTRO

O Apolo vai reabrir com uma revista de «Dois Velhos e Dois Novos», em 2 actos e 12 quadros, e intitulada «Sete e Meio». São os seguintes, os quadros do 1.º acto: 1.º—Velhos e Novos; 2.º—A Grande Iniciação; 3.º—O Mar; 4.º—Branco no preto; 5.º—O Placard Luminoso; 6.º—Ilha das Minhocas; 7.º—Arranha Ceus! A montagem é de Leitão de Barros. E a musica dos maestros Calderon e Izidoro Aranha. Do elenco fazem parte Carlos Leal, Augusto Costa, G. I. Ferreira, Artur Rodrigues, Filomena Lima, Margarida Ferreira, Beatriz Costa, etc., além do tenor Almeida Cruz, que é o director e empresario da Companhia.

—Anuncia-se para breve a «tournee» de serões de arte Alice Ogando—Carlos Santos e Manuela Pinto Basto, constando de partes de concerto e declamação.

—Ho-beche Bastos e Artur Marcel organizaram uma companhia que tem como «estrela» a scintilante Lina Demoel e que recebeu o título de «Tournee Lina Demoel». Fazem parte entre outros, os artistas Evan Viçoso, Ilda Silva, José Tavares e Alfredo Silva. Dentre as peças do repertorio destacam-se «Secretario dos Amantes», «Chave d'Ouro» e «Pom-pom», com as montagens completas como em Lisboa.

Jardim Zoologico

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim Zoologico, como o atractivo da sua Alameda dos Macacos, regida pelo illustre arquitecto Kaul Lino, acha-se aberto todos os dias, das 10 ao pôr-do sol.

Pathé Cinema

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

Politeama Avenida

Grandes espectaculos cinematograficos em Super-Produções. «Principe Zilah» e «Um Novo D. João».

Companhia Satañela Amante. A companhia mais simpatica do publico. Além de «Amante» o maior creador actual de peças populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satañela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma melecidade fresca e «O» parisiense de seu estilo. Hoje e per seguinte todas as noites «Agua-pé».



O VALOR DAS PALAVRAS

O elogio da «claque»

A claque é um elemento necessário, é mesmo imprescindível, em qualquer teatro. Não faz o successo duma peça, mas aquece o publico com uma opinião. Ajuda-o a expandir-se, ganha a sua desconfiança, arrasta-o muitas vezes até á apoteose. Em Lisboa a claque tem um defeito grave—a falta de sinceridade. Faz da sua profissão, interessante e curiosa, um pezado dever. Não se espalha, na plateia. Congrega-se junto ao chefe. Mecaniza de tal maneira as palmas, que elas são facilmente reconheciveis. São matracas funebres que quasi sempre irritam os aplausos do publico. A claque deve passar despercebida. Ser o expectador normal, familiar, burguês, que sorri, que aprova, que inclina levemente a cabeça para o companheiro do lado—distraido ou adormecido. Sem ela não ha grandes artistas, nem o pano talão subiria mais do que uma vez. Mas é preciso que ele suba, naturalmente, entre os aplausos generalizados. Para isso impõe-se que a claque tenha conhecimentos psicologicos da multidão—não escrevo, rindo—de maneira a convencê-la, a dominá-la. Impõe-se tambem que não insista em face dum insuccesso flagrante, total. Pode desencadear uma pateada, enterrar ainda mais a peça, vinculando no animo do publico a ideia dum desastre, sempre facil de atenuar, no reclame dos jornais.

Queremos que no meio termo é que está o segredo. Nem asfixiar o publico com aplausos idiotas e carregados, como se usa em certo teatro de Lisboa, nem deixar morrer o final dos actos, com meia duzia de palmas izocronas, no fundo das salas. Uma e outra coisa produzem má impressão. Comprometem a peça. Envergonham os autores.

Ha, porem, uma noite em que se devia dispensar a claque,—na premiere. Só o publico, o verdadeiro publico se devia manifestar, aquilatando sem influencias extranhas o valor do espectáculo.

Dest'arte o empresario poderia logo calcular a resistencia da peça, a sua duração, e o agrado real que ella tinha obtido...

ARTUR PORTELA

Trindade

Luella Simões-Erico Braga inauguram a sua temporada de inverno com uma peça que corre muito: «O Fauteuil 47». Fautueil 57 está traduzido em todos os lugares. Fizeram-se novellas, fizeram-se filmes. «O fauteuil 47» encontra-se hoje em todas as platéas de todo o mundo. Não ha plateia que não tenha um fauteuil 47...

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Optimos filmes, sempre variados e para todos os quadros da publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

Cabeleireiro de Senhoras

Cortes de cabelo a senhoras e creanças, Ondulação Marcel e Pintura em todos os generos por pessoal devidamente habilitado.—Gerente tecnico ALEXANDRE PERESTRELLO.

Salão Elegante das Avenidas

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C

Telefone Norte 5689

Johann Strauss vem a Lisboa



O celebre «rei da valsa» vem finalmente a Lisboa, dirigir quatro grandes concertos, em 30 do corrente, 1, 3 e 4 de Dezembro. O Virtuoso do violino resuscitou a valsa vienense, opondo-se á marcha avassalante do jazz.

Todas as capitais percorridas por Strass, já entronisaram a Valsa no pedestal que lhe compete.

HUMORISMO

Estamos na epoca das tentativas. «Tentativa»... grande palavra! Se péga, péga, se não péga, é graça...

O teatro dá pouco dinheiro?... A telegrafia sem fios, a tauromaquia, o sport, o gramofone, (em casa, ao pé do fogão, no meio dos netos... ai que bom!) não conseguem arrastar o pobre mortal ao dispendio de uns doze escudos para ouvir o «ponto» durante 3 horas?.. Lancemos mão dos meios extremos!

Os actores estão a compreender a crise... Assim, José Climaco, no Eden-Teatro, vai iniciar-se no ramo de «florista»... E como é patriota, fez um grande «stock» de «Rosas de Portugal».

Luís Pereira—Farto de fitas, está com os filmes. No «Inferno» de Dante é que ninguém consegue meter o «dente».

Almeida Cruz—Montou no Caracol da Graça uma casa de batota. Joga-se á teza o «Sete e meio» Entrada livre a «Novos e Velhos»...

Alves da Cunha, uma grande vocação para hoteleiro... Transformou, em boa hora, o Nacional. Ele nem se importa de fazer de «criado de quarto»... E, para matar o tempo, vai fazendo o seu pé d'alferes a uma Grã duqueza que lá está hospedada.

Odéon

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espetaculos modernos, confortavel, de risco bistrar. Odéon exhibe as mais notaveis super-produções de grande fabrica Americana «Motiv-Gudwin Mayer». Os espectaculos do Odéon estão a marcar um acentamento de elegancia.

Politeama Avenida

Grandes espectaculos cinematograficos em Super-Produções. «Principe Zilah» e «Um Novo D. João».

Companhia Satañela Amante. A companhia mais simpatica do publico. Além de «Amante» o maior creador actual de peças populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satañela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma melecidade fresca e «O» parisiense de seu estilo. Hoje e per seguinte todas as noites «Agua-pé».

Foz

A Grande Companhia Espanhola de Variedade «Alma». Bailados e cantores regionaes, «vistas» comicos, dança classica e «moderns», «faria». Elenco augmentado, novos scenarios e guarda roupa luxuoso. O notavel actor comico Palacios na sua criação de «Penção». 20 artistas e 10 formos e girls. Espectaculo de arte adequados ao palco da ei gante teatro da Calçada da Gloria.

S. Luiz

Armando de Vasconcelos reaparece não «ao vivo», agora de ponto em branco. A nossa grande companhia de operetas em que se contem os nos de «Autenda d'Alves»; de Aldina de Sousa, de Vasco «ant'Ana», de Fernando Pereira, de Sylvia Vieira, de Carlos Viana de Maria Alvarez, teve uma «revista» triumphal com a famosa opereta «Bites» Alt' que volta á scena para uma serie de recitas.

Apolo

O nosso teatro essencialmente popular encontrou uma peça de acentua to-a-bor-há-ri-ta com todos os matadores para os seus espectadores: «O Caracol da Graça» que Alcega Cruz inventou com a maior propriedade e que a valente companhia defende com loucas otilho «O Garacol da Graça» vai fazer a longa carreira que teve a «Mouraria», o maior successo do ano passado.

Nacional

Continua a marcar o maior exito «A Grã Duqueza» e «Cre do de Quarto», de Alfred Savoir, tradução de Alvaro de Andrade. Alves da Cunha interpreta o papel de um gailá comico, um rapaz de vinte annos, cheio de «alegría» e de vivacidade. Vale a pena ver a illustre artista neste papel, o melhor, talvez, de toda a sua carreira.

Coliseu

As maiores atrações dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organisa pelo «savoir faire» de Ricardo Co-vões, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorisados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente e grandes transformações na sala e dependencias de forma a torná-la a preferida do publico.

O DOMINGO
ilustradoUMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

«Princesa Mafalda»

Dum jornal argentino recorramos e traduzimos a emocionantíssima página que segue, emprestando a adjectivação da nossa lingua á estrita descrição noticiosa duma tragedia de amor.

Leia esta página formidável de emoção e interesse!

LEONARDO Pitti cursou o collegio S. Romão, em Buenos Ayres, desde 1920, e com ele o seu amigo Ermette della Robia. Era o collegio dos aristocratas «nouveau-riche» onde, a peso de ouro, os jovens filhos dos argentarios levavam uma vida admirável de saúde física e moral.

Desde o sport até á assistencia moral e religiosa, tudo era perfeito e rico, no parque sumptuoso de S. Romão. Logo de manhã, sob as acacias doces e perfumadas das aleas, toda uma multidão de branco esvoaçava e sorria. Um bando de jovens atletas, elasticos, semi-nus, alegres—um pouco de Grecia e um pouco de Roma—fazia todos os sports.

Na Rua Bivar, que crusa, em frente a S. Romão, o vasto plaino de Varegas, existia e existe ainda hoje um palacete excêntrico, á maneira das grandes vilas do sul da Italia, com seus belvederes e suas portadas «Renascença», suas «pergolas» encimando os largos terraços das torres laterais.

E' a casa, hoje fechada, onde habitava ainda ha pouco o pro-consul Robertto Vitaliani, homem a quem, pelo seu commercio, teriamos que chamar o Rei do Papel.

Inventor e adaptador das pastas vegetais mais modernas, Robertto Vitaliani fizera, em vinte anos, nas Americas centrais, e no sul, uma fortuna fabulosa. As suas marcas atingiram na produção cifras astronómicas, e, para ele, nos dois continentes, trabalhavam diariamente algumas dezenas de milhares de homens.

Robertto Vitaliani tinha uma filha—Magda Vitaliani. Era viuvo. No imenso palacio de Bivar, Magda vivia rodeada de tudo quanto o maximo de dinheiro e o maximo de carinho podem proporcionar a uma linda rapariga de dezasseis anos em flôr.

Educada á forma americana, a deliciosa herdeira de Robertto Vitaliani frequentava amiudadamente os «garden parties» os «footings», as recepções animadas dos seus vizinhos do collegio S. Romão. Apesar das imensas fortunas que entravam todos os domingos no convivio do grande collegio, a pequena Vitaliani era, pela sua formosura, dum classicismo puro, pelo misterio do seu sorriso tranquilo e superior que fazia pensar nas telas de Da Vinci—a mais disputada herdeira.

Na America — e mórmente nesta America latina, tão bem temperada agora dos entusiasmos meridionais e da graça fresca e saudavel dos nórdicos, uma mulher, ao entrar na vida de sociedade, pesa e mede perfeitamente os passos que dá.

O casamento é principalmente um acto definitivo, que reúne um conjunto de interesses, os quais é preciso medir, e não uma romantica aventura sem consequências. E' inutil pensar que uma americana case por casar, sem encarar o seu lar e a viabilidade económica da sua futura situação. Por isso...



Na cerca do collegio de S. Romão, jovens milionarios...

Por isso, Robertto Vitaliani descansa...

Por isso, Robertto Vitaliani descansa...

cava em absoluto sobre esse problema do casamento de Magda, que na Europa seria a preocupação maxima dum homem nas suas condições materiais e sentimentais.

Por seu lado, a grande herdeira pensara e escolhera já Dentre todos os rapazes que as circunstancias da vida tinham posto na sua intimidade, Leonardo Pitti enchia o seu coração. Era um idillio alegre e feliz, aquele. Nada dos amores sentimentais nem das re-



Magda Vitaliani e Leonardo Pitti...

servas hipocritas dos nossos namoros europeus. Saúde, gymnastica, muito sol e muito ar livre, e uma imensa, uma completa, uma trasbordante alegria, sempre festiva e sempre primaveril—algumas vezes um longo beijo apoz uma partida de «tennis» e o doce «flirt» dum «skating» sobre os largos «trottoirs» asfaltados do Palacio de gelo.

Mas o pequeno romance de Magda Vitaliani começara na primavera deste ano. Os dois grandes amigos, Ermette e Leonardo acabaram o curso de S. Romão.

Nas longas noites de estudo Ermette fôra o confidente de Leonardo Pitti, em toda a sua paixão por Magda Vitaliani.

Embora de genios e de fisico completamente diferentes, Ermette e Leonardo viviam na mais completa cunhão de pensamentos.

E, ao contar ao seu grande amigo o fogo dessa paixão de vinte anos, Leonardo nunca suspeitou que no peito generoso e forte de Ermette nascesse uma identica simpatia pela pequena Vitaliani. Depois, Leonardo tinha sobre Ermette uma superioridade enorme: era belo. Era belo e era amado. Ermette, pelo contrario, não tinha sequer sido notado.

Assim, tranquillo, Leonardo, nas expansões da sua paixão, foi pedindo Magda e assinou se o contrato de casamento. Os três amigos embarcariam no «Princesa Mafalda» para uma viagem de ferias a Roma...

Explendia, sobre o oceano imenso e fluido, o grande navio, iluminado como um joia de fogo.

Dentro, alegres, os jazz-bands de tziganos lançavam acordes dos «shimys» e dos «charlestons» febris. Era uma

«feerie» de luxo e de prazer vogando sobre o mar azul... Nos salões de bailes, mulheres decotadas, sob o brilho dos «lamées» e dos «pailletés», tomavam os ultimos aperitivos.

Toda uma joia de civilização e de conforto, toda uma cidade de prazer e beleza ondulava, estremecia voluptuosamente sobre a mansa e embaladora caricia das ondas...

No pequeno «fumeur» três pessoas conversavam. Eram Magda Vitaliani, seu marido, Leonardo, Pitti e o engenheiro Ermette.

Tudo em redor era discreto e silencioso—apenas o ruído do mar, continuo, forte, monotono.

De repente, surdamente, como a violencia duma queda alta, ouviu-se um estampido forte. A luz da sala apagou-se. Um «frisson» geral percorreu toda a gente. Ermette ainda quiz «blaguear», mas, sobre o tombadilho e no «deck» da primeira classe, ouviram-se logo gritos terríveis. Então, os tres subiram a pequena escadaria alcatifada que conduzia ao Salão. Ali havia luz, mas toda a gente corria. Rebutaram as caldeiras—afirmara-se, e então, sob o olhar terrível dos criados e dos homens de bordo que já não atendiam ninguem, os tres passageiros subiram. Como todos, mórmente ao «passerelle» de 1.ª classe uma multidão, tragica, louca de desespero increpava o comandante.

Debalde os officiais, em francês e em italiano, sobre as mesas, pediam calma. A multidão ululava, gemia, chorava, ansiosa e terrível.

Na cabine da telegrafia sem fios o movimento era febril. Para proteger os armazens de salva-vidas, que tres homens moços de bordotentaram arrombar, dispararam-se tiros.

Algumas mulheres aflitas correram a guardar as joias nas cabines. Eram horribes os gritos e as scenas, minuto a minuto, como uma praga maldita, lançada sobre esse palacio de maravilha e de luxo, que havia horas apenas vogava tranquillo e dominador sobre o grande veludo azul do mar...

O violinista de bordo, neurastenico e terrível, tocava um extranho psicato, em egsgares repelentes—tinha enlouquecido!

Rapidamente, os depositos e os porões, cheios com violencia pela rotura das paredes, deram ao grande barco uma oscilação tremenda, dir-se-hia que o «Princesa Mafalda» se afundava em momentos.

Os tres italianos estavam hirtos e silenciosos no tombadilho.

Magda ficara petrificada. Um molho humano, terrível como um quadro de Berystom, arrombava o deposito de salva vidas. Todos se agarravam ao que havia. Ermette arrancou pela violencia dos encontros dois cintos. Facadas cobardes inutilisavam algumas vidas, no escuro medonho em que se gera o crime—o crime da defeza legitima da propria vida.

Ermette corria agora junto dos noivos com dois cintos de lona. Os uni-

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

UMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

D Martinho esteve ha dias em pé de guerra. Entre as 10 e as 11 de 2.^a feira ultima, um grave conflito surgiu. Um daqueles conflitos que lá fóra se resolveriam em 2 minutos mobilisou para o estabelecimento a esquadra proxima, com grande desperdicio de retórica policial e calorosos discursos, polemicas e discussões, por parte da freguezia.

Os pequenos conflitos entre nós tomam sempre as proporções de grandes calamidades. Todos falam, todos dão a sua opinião, todos metem a sua colherada e por fim ninguem se entende.

Um simples cavalo de carroça que escorregue na via publica tem sempre o condão de crear á sua volta um parlamento em miniatura. E se o cavalo não tiver o bom senso de se levantar por si, não ha ninguem que no calor da discussão se lembre que é essa a unica forma de resolver o caso e de lhe evitar o seu martirio.

Nem o proprio carroceiro, tomado da furia parlamentar que ha no intimo da raça, lhe prestará atenção, enquanto não despeja: todo o seu eloquente e expressivo vocabulario.

Ora no Martinho não caíu nenhum cavalo, o que não era impossivel, mas ia caíndo o Carmo e a Trindade. O «casus belli», a origem de tão grave conflagração nocturna, foi a entrada de uma mulher no estabelecimento.

Sentada numa das mezas com varios frequentadores, uma mulher em cabelo, casaco de astrakan e aspecto duvidoso, mas não tendo obtido o «laissez passer», neste caso o «laissez rester» do porteiro do café—foi convidada a passar-se dali para fóra.

Recusa, protestos, e a intervenção do proprietario do estabelecimento.

Novos protestos, nova recusa e a natural formação de partidos, uns pela selecção da freguezia, outros pela inversa, e outros por nenhuma das soluções, mantendo-se na mais indifferente neutralidade por tudo o que não fosse o café que ali os atraía.

Alguns minutos de eloquencia dos varios leaders, e a fatal intervenção do 1.^o policia.

Novas explicações, discussões, e a dama convidada a retirar-se pelo civico.

Foi então que um manco de gabardine, arvorado em leader das minorias, começou o seu vibrante discurso de protesto; o guarda ripostou, ele contestou, o civico replicou, ele treplicou, o guarda quadruplicou, enquanto uma onda de inesperados freguezes de cuspo foi invadindo a casa, cercando os oradores e rodeando as mezas.

Entretanto, a dama, origem do conflito, mantinha se impassivel, sorridente. Alguem alvittrara já que fossem requisitados alguns policas sinaleiros para regular o transitio entre as mezas do café.

E as discussões prosseguiam. Alegava-se que a dama em questão, entre outras qualidades, tinha a do comprovado desarranjo na torre dos pensamentos, constando que entre outros predicados tinha o de provocar scenas e de se agarrar por vezes a qualquer cidadão indefeizo, acusando o de pai

dos filhos dum Zebedeu qualquer das suas relações.

Perante estes argumentos decisivos, o guarda fez o seu novo convite—desta vez mais cauteloso, porque com doidas ha que ter cuidado, principalmente quando lles dá para as investigações de paternidade.

Ela, porem, bradou que não era doida, que tinha sido examinada por varios



Entretanto, a dama, origem do conflito, mantinha-se impassivel, sorridente.

medicos de varias localidades e ultimamente pelo Dr. Egas Moniz, declarando todos que ela era simplesmente muito historica.

Perante esta do Dr. Egas Moniz, o civico entupiu e retirou discretamente. O guarda, não querendo decerto meter a foice em seára alheia, foi-se dali prudentemente. Pensou-se que tivesse ido consultar o famoso clinico, para poder em tal emergencia ter a sua opinião fundamentada...

Mas não; pouco depois fazia novamente a sua entrada na sala, acompanhado de 2 colegas, o 2.^o e o 3.^o policia deste complicado filme.

Em tão delicado assunto o guarda, não confiando muito nos seus conhecimentos de psiquiatria, tinha deliberado pedir auxilio a dois colegas, reunindo uma junta policial, dada a impossibilidade de arranjar ali de repente uma junta medica.

Mas, apesar disto, a teimosa dama ficou de pedra e cal e dando mostras de que nem com uma junta de bois a arrancariam dali. As discussões redobram então de intensidade.

Alguns dos assistentes, indignados, clamavam contra a pretensão de seleccionar a freguezia, de dar ao estabelecimento um tom decente e correcto e argumentavam que melhor seria tratar da limpeza da casa, que estava num estado miseravel, chegando alguns mais audaciosos a mandar os guardas apreciar o cheiro do W. C...

Eles, porem, tiveram o bom senso de la não ir meter o nariz.

Entretanto, no meio de todo aquele aranzel, a dama continuava muda, impassivel, indifferente, demonstrando que era, afinal, de todos, a unica que tinha algum juizo.

E continuava tudo no mesmo pé, todos na expectativa e tambem de pé, como as proprias cadeiras, que estavam já em algumas mezas empoleiradas, á cautela!

UMA NOITE DE
S. MARTINHOcom pronuncios de castanha
e café em vez de vinhoUma scena de café, com muita falta de
chá e abundancia de pãesinhos a pedir... torradas.

Tinham já entrado em scena o 4.^o e depois o 5.^o policia, e o dono do estabelecimento, constatando a inutilidade da intervenção da esquadra, olhava numa esperança um oficial de marinha sentado a um canto, indifferente, a conversar, pensando que talvez a intervenção da esquadra maritima solucionasse aquele caso.

Mas nisto entrou um cabo. Todos o olharam numa esperança.

Este, porem, como os seus subordinados, após uma cerrada argumentação com os incansaveis leaders de todos os partidos, tocando no braço da teimosa dama, convidou-a a retirar.

Mas nada conseguiu. Ele insistiu e ela moíta, sem arredar pé. Entretanto, o dono do estabelecimento dava ordens aos creados, ía ao telefone, azafamado, fazendo prever que dentro em breve um esquadrão da guarda republicana, a esquadra surta no Tejo, quiçá uma

Decorreram alguns longos minutos de expectativa e de ansiedade.

E quando já se previa o aparecimento do sr. Ferreira do Amaral, uma noticia imprevisita veiu pôr termo ás discussões.

O café ia fechar, apesar do atrazado da hora.

Tudo retirou então em boa ordem, pensando que assim é que estava certo.

Na verdade, assim deve ser, em casos tais: ou saem todos, ou ha moralidade.

Desta forma, com uma só cajadada, ou, melhor, com uma simples fechadura se mataram dois coelhos.

Encerrou-se o estabelecimento e a discussão.

O que não conseguiu uma esquadra inteira, com o proprio cabo, foi levado a cabo por uma singela chave.

E aí está como nessa noite memoravel o Martinho fechou, afinal, com chave dourada.

AUGUSTO CUNHA



Tudo retirou então em boa ordem, pensando que assim é que estava certo.

esquadrilha de aviões fariam a sua entrada no Martinho, a fim de arrebatard o seu fauteuil aquela fregueza renitente.

Houve combinações, «démarches», conferencias demoradas entre a força publica e o dono do café.



Dá ás crianças uma
saude de ferro.
E' o alimento energico
por excelencia
para novos e velhos.

A' venda nas farmacias, drogarias, confeitarias
mercearias e leitarias.

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{DA}

29, Calçada de S. Francisco, 37 — LISBOA

Leia
esta
pagina
pitoresca
sobre
o caso
da
semana

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

NUMERO EXTRAORDINARIO
SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE VISCONDE DA RELVA
20 NOVEMBRO 1927

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—Lisboa

Ilustres confrades

De regresso da sua viagem a Africa, chegou no preferido dia 11 o nosso illustre «Dr. Pausanias», que endereça a todos os distintos colaboradores desta secção as mais efusivas saudações.

«Dr. Pausanias», que fez a viagem a bordo do paquete «Lourenço Marques», desempenhando as funções da sua profissão, não poderá, por agora, reassumir o seu antigo cargo, em virtude de em breve, partir novamente.

Os nossos cumprimentos e parabens pela feliz viagem

Apuramento do N.º 5 - 6.ª SÉRIE

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name, Votes. Includes BRITABRANTES with 4 votes.

Table with 2 columns: Name, Votes. Lists names like «Maduro», «Zeca», «Pausanias», etc.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Table with 1 column: Name. Lists AFRICANO, BIXO KNHOTO, D. GALENO, etc.

QUADRO DE MERITO

Table with 1 column: Name. Lists TANAORA, 8-CAPITÃO BOCHE, FIGARO, etc.

OUTROS DECIFRADORES

GADUROMA, 6-PAUSANIAS, SOBA DA TORRE, 5

DECIFRAÇÕES

1 Legamento, 2 ARGALA, 3 Extravaganciado, 4 Somergulhado, 5 Sogindo, 6 Abadiva, 7 Carola, 8 Arcadia, 9 Annada, 10 Manada, 11 Claro euro, Asinino, 13 Irmandade, 14 Fenômeno, 15 Logogifo.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

Nos 1, 4, 6, 7 e 12, respectivamente de «Africano», «Edipo», «Kvaete», «Maduro» e «Sarcenez», com 9 decifradores cada uma.

Apuramento do n.º 6 (6.ª SÉRIE)

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name, Votes. Includes IAMAR with 9 votes.

Table with 2 columns: Name, Votes. Lists «Marlita», «Uts», etc.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Table with 1 column: Name. Lists AFRICANO, BIXO KNHOTO, D. GALENO, etc.

QUADRO DE MERITO

Table with 1 column: Name. Lists RENANDOF, 14-TANAORA, 11

OUTROS DECIFRADORES

Figaro, Idílio, Pausanias, 8-Gaduroma, 7-Capitão Boche, 6 Soba da Torre, 5-D. Simpatico, Marlita, 1.

DECIFRAÇÕES

1 Sol, 2 Abemolado, 3 óco, 4 Nava, 5 Epilogar, 6 Velicado, 7 Encasado, 8 Tragamalho, 9 Ocutil homem, 10 Matafole, 11 Onde quer-que, 12 Protocolo, 13 Assustoso, 14 Lear, 15 Artolado, 16 Cardado, 17 Reliquo, 18 Larica.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

Nos 2 e 17, de «Bixo Knhoto» e «Leterne», com 9 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

«Africano», «Auledo», «Bixo Knhoto», «D. Simpatico», «Idílio» e «Marlita» decifreram quanto lhes era dedicado

Apuramento do n.º 7 (6.ª SÉRIE)

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name, Votes. Includes PAUSANIAS with 4 votes.

Table with 2 columns: Name, Votes. Lists «Anel», «Africano», «Soba da Torre», etc.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Table with 1 column: Name. Lists AFRICANO, BIXO KNHOTO, D. GALENO, etc.

QUADRO DE MERITO

Table with 1 column: Name. Lists TANAORA, 9

OUTROS DECIFRADORES

Capitão Boche, Figaro, Idílio, Pausanias, Renandof, 7-Abade Mecum, Gaduroma, 4-Dr. Grylfo, Pato Biga, 1.

DECIFRAÇÕES

1 Vívica, 2 Amoror, 3 Fungomou, 4 Bastido, 5 Arasto, 6 Sotiqueado, 7 Alorjado, 8 Trauteada, 9 Atalhe, 10 ENGANO, 11 Apotema, 2 Monada, 13 Estadio, 14 Epimania, 15 Nalquerque, 16 Siro.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

Nos 2, 4, 7 e 8, respectivamente de «Anel», «Dr. Grylfo», «D. Vasco» e «Frangerque», com 12 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

«Dr. Grylfo», «Mamego» e «Pato Biga» decifreram o que lhes competia.

GRALHAS

No ultimo numero disto, vimos as faltas da 2.ª parçã da charada n.º 11, que é papa, e do conceito da charada n.º 13, que é mirra.

CORRESPONDENCIA

FIGARO.—E' dirigida ao illustre confrade a resposta dada a «Idílio», no «Moinho», n.º 9. IDILIO.—Foi um f.p.o. facilmente desculpayel, de raridade na nossa autaria... sempre ás ordens.

CAS PALAVRUCUZADAS moda passatempo

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 145

DECIFRADORES

ABADE MECUM, AFRICANO (A. C. P. B.), BARÃO DO TACHO, CAPITÃO BOCHE, DR. ATEU DR. MISTÉRIO EDIPO IGNOTO, GADUROMA, MENINA XÓ, PAUSANIAS, RENANDOF, SPARTANUS, TANSOS.

DECIFRAÇÕES

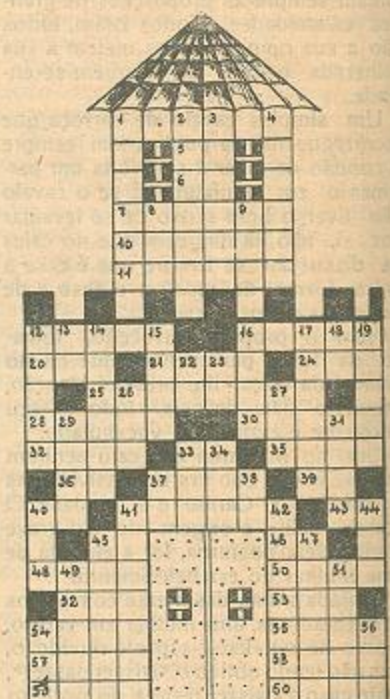
HORIZONTAIS.—1 Amora, corár. 2 Rôlas arara. 3 crês, amar. 4 Anão, ramo. 5 Lá, és. 6 Lá, ma. 7 Eras, aros. 8 Mala, tens. 9 Acama, calda. 10 Sarar, arear.

VERTICAIS.—1 Arcal, lemas. 2 Morna, araca. 3 Olea, alar. 4 Raso, sama. 5 As, ar. 6 Cá cá. 7 Orar, atar. 8 Rama, relé. 9 Arame, monda. 10 Raros, assar.

PROBLEMA DE HOJE

HORIZONTAIS.—1 Melindroso. 5 Modo. 6 Visita. 7 mostrar vigor na velhice. 10 Maltrato. 11 «Aves trepadoras». 12 Desmaia. 16 Afertei. 20 Ligação. 21 Solidão. 24 Grande quantidade. 25 Carcereira. 28 Puxa'õ. 30 Gorduras. 32 Mata. 33 «Lua». 35 Obterho. 35 «Utensilio de ferro». 37 «Vila de Portugal». 39 Onde. 40 Encontra-se. 41 Porcalho. 43 Multidão. 45 Doença. 46 «Planta». 48 Atormento. 50 Isola. 52 A. 53 Castiga. 54 Confundi. 55 Despede. 57 Dividi ao meio. 58 Morda. 59 Desprezo. 60 Antilope.

VERTICAIS.—1 Subministrar. 2 Governar o navio. 3 Gomar. 4 Engenhos. 8 Fantasiar. 9 Viver. 12 Pôr embarço. 13 Mais. 14 Manha. 15 Cantor. 16 Logo. 17 Tesouro. 18 Praça. 19 Tormentoso. 22 «Risca». 23 A mim. 26 «Mulher». 27 «Viscera dupla». 29 Caverna. 31 Desconfiado. 33 Assim. 34 Arredores. 37 Tumor. 38 Garbo. 40 Vender. 41 Rústico. 42 Brilhante. 44 F. 45 Perder. 47 Atrair. 39 Raça fina de cavalos portugueses. 51 «Ilha das grandes Antilhas». 54 Escolha. 56 «Ilha do Mar Egeu».



Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)

FUNCHALIA VIEIRA & LOPES, L.ª 5, Largo do Calhariz, 6 Telefons 1. 670

Depositarios das acreditadas marcas de manteiga das Empresas A. C. BUR: NAY, LIMITADA, VACCUM DE LACTICINIOC, Lt.ª, e LACTICINIOS AGUIA, da Madeira.

Inauguraram as suas novas instalações para venda a retalho de mercearias, vinhos, charcuteries, etc. DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

Cosulich Line Presidente Wilson esperado em 16 de Dezembro.

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª CAES DO SODRÉ, 64, 1.ª LISBOA Telef: C. 3601, 3602 e 3603

PANDORA advertisement featuring images of various fountain pens and a descriptive text about the brand's quality and availability.

VARIA

O "FILM" DUMA VIDA

DAMAS

XADREZ

Toda a correspondencia referente a esta secção deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o «Domingo Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 149—PROBLEMA

por E. Westbury

Pretas (10)



Brancas (9)

Mate em 2 lances

Solução do problema n.º 148

(Mari)

1 d 3—d4

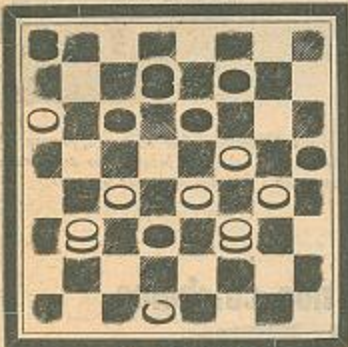
CAMPEONATO DO MUNDO: 25.º, 26.º, 27.º e 28.º partidas, empatadas, continuando, pois, Alekhine com 4 a 2 e 22 empates.

Solução do problema n.º 142

	Brancas	Pretas
1	8-11	15-8
2	1-5	2-20
3	5-9	?
4	26-3 (D)	?
5	30-21-3-12-23-9-2	?

PROBLEMA N.º 143

Pretas 2 D e 5 p.



Brancas 2 D e 6 p.

Saem as brancas e ganham.

Resolveram o problema n.º 141 os srs. Armando Pinto Machado (filho), José Brandão (infantis), Miguel Jous Panamacho (V. R. S. Antonio) e José da Silva Lopes (José) F. da Fez.
O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Armando Pinto Machado.
M. I. F. - Queira fazer o favor de nos enviar a solução do seu problema.

LEMBRAM-SE dos primeiros «films» Pathé, que terminavam sempre com o «ex-libris» dum galinho a dar que dar com a cabeça...? Lembra-se, no cinematografo da rua de S. Bento (o primeiro que houve em Lisboa, salvo erro) e das fitas do «Bigodinho» e do «Cretinetti»? Lembra-se...?

Pois nós evocámos toda a infancia predestinada do cinema, ao ler-mos, ha dias, num semanario francês, a biografia de Mr. Charles Pathé, um glorioso heroi da vida.

Os pais de Charles Pathé tinham um talho em Chevry—Cossigny, departamento do Seine et Marne. Charles e os seus quatro irmãos não foram tratados com grandes mimos e, talvez por isso, entraram na vida com coragem para lutar e vencer.

Madame Pathé estava, um dia, chorando na sua loja, lamentando-se da pobreza em que vivia, quando uma cigana lhe afirmou que um dos seus filhos seria conhecido do mundo inteiro e assegurar a fortuna dos seus irmãos.

O negocio dos esposos Pathé foi tomando um certo incremento e, em breve, estabeleciam-se com uma «charcuterie» em Vincennes, conseguindo grande freguesia. Como as suas

as cousas não lhe corram bem, segue para o Rio de Janeiro, onde apanha uma febre amarela, durante a grande epidemia de 1891. Regressa a França, onde encontra a sua futura esposa. Na noite do seu casamento, toda a sua fortuna eram sessenta francos. Não tinha qualquer emprego, era pobre, mas junto de si estava o maior estimulo: a mulher amada.

Para ter garantido o pão de cada dia, entrou para um escritorio de advogado. Foi aí que ouviu falar dum aparelho novo que se mostrava na feira de Vincennes: era um dos primeiros fonografos que existiam. Foi ver o aparelho, fez o calculo de quanto rendiam ao seu proprietario as respectivas audições; á custa de todos os sacrificios, comprou uma maquina falante e, acompanhado p la esposa, andou em peregrinação pelas feiras. Tirou receitas excellentes, que lhe permitiram adquirir um aparelho registador e fabricar discos, que obtiveram um enorme successo. Por essa epoca, principiou-se a falar da reprodução do movimento pela fotografia. Charles Pathé interessou-se logo pelo assunto e, deixando a exploração do fonografo a sua mulher, consagrou-se inteiramente ao estudo dos processos a empregar para industrialisar a produção dos positivos, com aparelhos que ele inventou. Chamou os seus tres irmãos para o ajudarem e com o auxilio dum engenhoso mecanico—chamado Continsouza—e dum outro colaborador, M. Zecca (o primeiro que se lembrou de chamar actores e de os mandar representar comédias e dramas diante do aparelho fotografico), Charles Pathé fundou a grande sociedade Pathé-Cinema, de cujas fabricas saíam, por dia, uns oitenta kilometros de fitas. O nome de Pathé tornou-se illustre entre o dos grandes industriais modernos, e a biografia de quem o nobilitou é das que devem ser conhecidas como admiravel lição de energia.



Charles Pathé, o pai do cinema

ocupações não lhes permitiam velar pela educação dos filhos, meteram-nos num pensionato da rua Blomet, em Paris. Pouco depois, dá-se o cerco da cidade e as tragicas scenas da Comuna. Charles Pathé vê morrerem, a seu lado, atingidos pelas granadas, alguns dos seus companheiros de escola. Sua mãe, assustada, leva-o para Vincennes, onde frequenta um collegio e começa a dar largas ao seu gosto pela leitura e á sua ansiedade de instruir-se.

Na idade propria, assenta praça e passa cinco anos num regimento, sujeito a uma disciplina demasiado rigorosa para a sua fragil saude. Em 1883, sai dum hospital, quasi condenado pelos medicos. Não sabe bem o que faça, mas, tendo conhecimento de que um seu irmão, estabelecido com um talho em Saint-Sauveur (Olse), está a dois passos da ruína, resolve ajudá-lo, e, com o seu maravilhoso espirito de iniciativa, consegue fazer prosperar os negocios. Recebe a parte que lhe compete nos lucros dum vantajoso trespasse do talho e parte para a Argentina, a tentar fortuna.

Em Buenos Ayres, Charles Pathé procura um emprego e oferecem-lhe logo o de «maitre d'hôtel», no Consulado de Portugal. Mas não o aceita aí, porque não se mostra muito conhecedor dos assuntos da sua especialidade.

Durante algum tempo, é empregueiro de ateiros; depois, faz-se guarda-livros, mas como

O PRIMITIVO NOME DA INGLATERRA

E' vulgar ouvir-se designar os ingleses por «filhos de Albion». Qual a razão por que se dá o nome de Albion á Grã Bretanha? Porque o nevoeiro que nela é quasi permanente a faz parecer branca (em latim «alba»). Da palavra latina que significa alba se forma o nome albion. E' por este nome que a Grã-Bretanha é conhecida na Antiguidade e é por elle que Aristoteles a designa.

O nome Inglaterra foi dado á terra de Albion pelos Anglos, tribu germânica que se confundiu com as populações indígenas.



Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões

LIMITADA

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas
telefonas e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

“PRINCIPESSA MAFALDA”

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

css que restavam—Fujam! Fujam! Vão vocês!

Mas tu?—Mas tu, Ermette? Eu salto já. Fujam—não percam tempo! E uma lufada terrível, de fumo e de agua envolveu tudo.

Leonardo e Magda envergaram os cintos. Os dois amigos abraçaram-se.

Ermette, sereno, no tombadilho, firme como uma estatua de bronze, tinha um sorriso tristissimo.

A espuma clara envolvia os seus amigos que foram protegidos pela lona e pela cortiça. Os olofotes cruzavam já o mar. Eram os socorros!

Ermette desceu ao seu beliche. Caminhava lentamente procurando ao descer as escadas a morte? Talvez...

O Reporter Misterio

«WINKELMANN»-Pianos

CONSTRUÇÃO unica. Marca criada em 1837.
Januario Nunes & C.º (Filhos) — 108, Rua dos Retreiros, 110 LISBOA—Casa especialisada.

CHAPEUS DE FELTRO

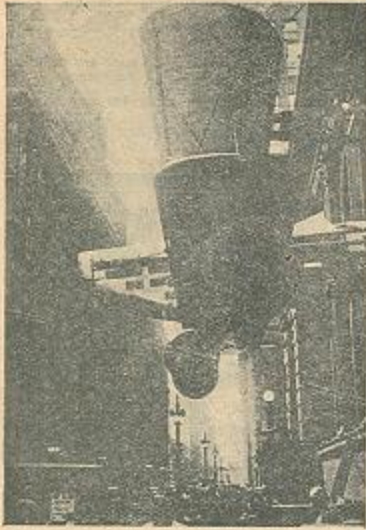
Para senhoras e crianças—Os mais modernos modelos nas mais lindas côres—Transformações as mais perfeltas em 24 horas!—Os preços mais baratos de Lisboa—Atendemos rapidamente os clientes da provincia.

OFICINA—Rua Arco Bandeira, 139, 1.º E.—LISBOA

TELEFONE C. 641

actualidades graficas

Um réclame colossal



Na avançadíssima America, os serviços postais aereos puzeram, numa rua concorridissima esta gigantesca «taboleta», que ninguém pode deixar de ver — um avião — reclamando as suas impecaveis carreiras.

Os modernos saltimbancos



Em vez da classica carrigana puxada por miseraveis pilecas, vêem-se já nas estradas europeias automoveis com carros rebocados onde os saltimbancos, vivem e se transportam. — (Foto Menrissé).

O dia do armistício em Paris



O desfile das bandeiras gloriosas dos combatentes por debaixo do Arco do Triunfo constituiu uma das mais imponentes manifestações do dia da paz — (Foto Menrissé).

Um curioso animal de tiro



Nada encanta as crianças como o movimento. Mesmo que seja conseguido á custa dum robusto peru, como se vê nesta pitoresca fotografia inglesa.

Obras de arte portuguesa



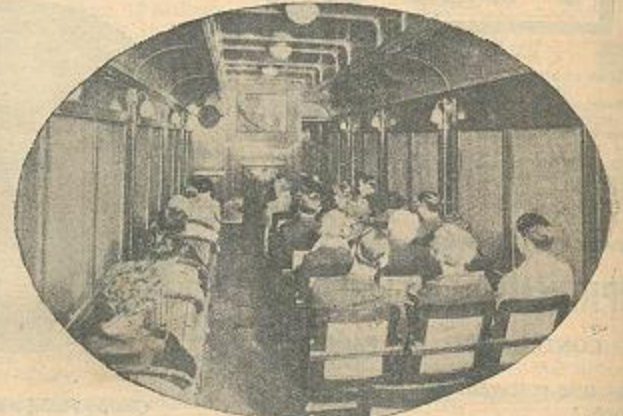
Constituem um justo orgulho de quem os fabrica objectos como este que damos em gravura, produto da acreditada casa J. M. & Pedro Fraga. — Rua da Palma, 82.

Os modernos velhos



Uma senhora americana, de 101 anos, festejou o seu dia de anos com um belo passeio aereo, na companhia dum seu amigo de 99 anos.

O cinema nos comboios



Para aligeirar a monotomia da viagem trans-continental americana, nos grandes expressos, os passageiros tem um cinema que os distrai e diverte. O movimento no movimento...

No funeral do poeta Antonio Feijó



A passagem da urna, contendo os restos mortais da esposa do admiravel poeta das «Bailatas». — (Foto Salazar Diniz).

PUBLICIDADE

MOVEIS
E
ESTOFOS
AO CONFORTAVEL

DE
Nascimento Piedade
TELEFONE N. 3968
Rua da Palma, 109 a 113
LISBOA



Grande Hotel DUAS NAÇÕES

(Filial do GRANDE HOTEL DA CURIA)

End. Teleg.: DÚASNAÇÕES

Telef.: N.º 2040 C.

Rua Augusta e Rua da Victoria, 41

No centro da cidade

PREÇOS MODERADOS

BOM TRATAMENTO

ASCENSOR

PREÇOS CONVINDATIVOS PARA FAMILIAS

On parle française.

English spoken.

Man Spricht Deutsch

Proprietarios: Costa & Wissmann J.º

LITH.

ARTISTICA

R. DO ALMADA, 34-1.º (ao CALHARIZ)

TRABALHOS TIPOGRAFICOS E LITOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

LISBOA

PEÇAS ORÇAMENTOS TELEFONE TRINDADE: 229

COOPERATIVA
DOS

ESTOFADORES E DECORADORES

Premiada na Exposição do Rio de Janeiro em 1901 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

HOTEL LUSO-ITALIANO
PAREDE

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO

SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS

Constantino Molle

Casa Penim

184, RUA AUGUSTA, 186

(3.º quarteirão, lado esquerdo vindo do Rossio)

A casa que **mais novidades** apresenta
e que **MAIS BARATO VENDE**

Exposição das ultimas **Novidades de Paris**

CURSO DE EXPLICAÇÕES

Preparação para exames de todo o curso dos liceus (ciencias e letras). — **Habilitação paga depois do exame, não a pagando em caso de insucesso.** — **Francês, Inglês, Alemão**, Instrução Primaria e admissão aos liceus para creanças e adultos. — **Curso Commercial** completo para formação de guarda-livros, agentes e tecnicos comerciais. — Os mais modernos metodos de ensino. — Todos os professores são diplomados com curso superior, inscritos nos liceus e rigorosamente especializados. — Os professores de linguas são diplomados com curso superior e especializados nos respectivos países.

Três regimes de estudo á escolha do aluno

Matricula permanente

Nova Escola Progresso

R. DA PALMA, 219, 1.º

MOSAICOS

A maior produção de Portugal
Os de melhor fabrico

GOARMON & C.ª

A maior fabrica do país
Escritório:

Travessa do Corpo Santo, 17, 19
e 21 -- Rua do Corpo Santo, 32
LISBOA

**Azulejos—Louças
Sanitarias Cimentos**

OUTROS MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO

Pedir catalogo e preços
Telefone C. 1442

Talco «GABRIELA»

Caixa grande, bonita apresentação, Esc. 3\$80

Pó dentifício «GABRIELA». Faz desaparecer a carie e o mau hálito. Caixa, Esc. 1\$50.

Loção «GABRIELA»

Não mais caspa. Frasco, Esc. 9\$00.

Pó de arroz «GABRIELA». O unico que na realidade adere.
Descontos a revendedores.

PERFUMARIA ELITE, Largo do Calhariz, 18
(Palacio Azambuja)

ARMAZEM

DAS LAMPADAS

nas alações electricas

RE VENDAS DE LAMPADAS E MATER AL
GRANDES DESCONTOS

116, 1.º Rua d' Crucifixo, 116, 1.

Telefone C. 570

FUNERAES

TELEF. 1094 N.



DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS
PROVINCIA, ETC.

URNAS
ARMAÇÕES
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVIÇO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:

RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x26 - SEMESTRE, 32x13

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEXTOS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



AS GRANDES EXPERIENCIAS DO NOVO PARA-QUEDAS



O inventor do aparelho, o tenente sueco Thorubald despede-se do arrojado paraquedista Von Klausen que se atirou de 600 metros de altura.
O para-quedas no espaço.